

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº68 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME V
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
ARTUR MORETTI - Física
CELSO FERRAREZI - Letras
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação
MARIO COZZUOL - Biologia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

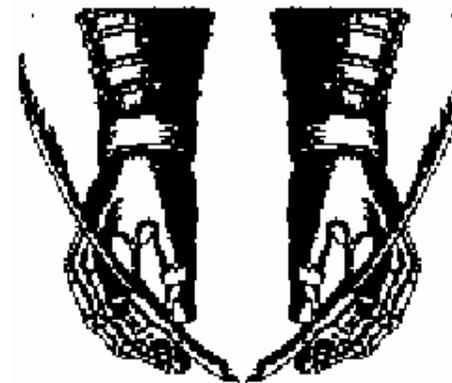
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

68



LITERATURA EM FRAGMENTOS

ALBERTO LINS CALDAS



"... uma força espiritual que começa sua trajetória no sensível e dispensa a realidade." Antonin Artaud

- 1 - *incipit*: A literatura só se entrega à literatura.
- 2 - A literatura é o *fogo noturno* [fogo-selvagem] que afasta as feras, o inominado, a morte, a escuridão, o inesperado, o esquecimento; atraindo os homens tanto à solidão quanto a solidariedade, relacionando os gestos, as palavras, as emoções, os sonhos, o desejo e o corpo; reforçando e superando os ritos, as crenças, as vozes, os corpos, os anseios, o riso, a lágrima, o sono; repetindo o conhecido, o esperado, o desejado, o sabido, o vivido cria um espaço vivo onde nada ainda foi; reunindo corpo, palavra e vida numa mesma ascese circular, onde todos comungam o sagrado esquecimento de tudo aquilo que ameaça, está além, está antes, está dentro e que num átimo poderia estar ali, entre nós, se o fogo cessasse, se o fogo não se mantivesse.
- 3 - A literatura é a caça-futura desenhada, pintada, soprada, talhada, inscrita, dançada, cantada, gemida, gritada, murmurada, soluçada, sonhada no fundo de uma caverna: é sempre aquilo-que-virá, aquilo-que-reúne, que conjuga magicamente o ainda não completamente presente, o desejo de uma fome presente somente para quem está na caverna (também reunião de uma fome coletiva) mas que será de todos no-futuro: a literatura antecipa e cria o momento futuro, a caça futura: a leitura (puro ritual) é a carne dessa magia sendo devorada, fazendo existir tanto a magia quanto a carne da magia: devorar antes de devorar devorando: o em-si transformado em para-nós. Por isso mesmo uma literatura antes de tudo é para o corpo, para os sentidos, para os humores: uma literatura corporal: e toda a sua inteligência, todo o seu logos-falus, toda a sua possibilidade de análise advirá, sempre *pos festum*, daí [sempre depois do festim da leitura: nunca um tiro "de verdade": sempre de festim: a literatura só existe realmente no festim da leitura, jamais em nenhum dos empachamentos críticos].
- 4 - A "obra de arte literária" é um espaço que, ao nos reposicionar, instaura campos de visão, de sensação, de reflexo e reflexão, de opinião, diferente daqueles que normal e trivialmente utilizamos. Torna-se um instrumento insólito: ao nos curvamos sobre ou com ele somos tragados para outro-lugar, outro-olho, outro-eu, outra-língua, outro-nós; e desse não-lugar, desse ponto outro, reposicionamos e reformatamos a nós mesmos e ao mundo. Esse instrumento insólito, vindo dos fluxos vivos da linguagem, nos arrasta para as próprias fundações do existir.

- 5 - A literatura deve ser um questionamento radical, um revolver os alicerces da existência; espaço onde todos os possíveis valores, olhares, percepções, naturalizações podem ser de-batidos, ex-postos, examinados, sendo possível ver o não visto, abrindo e trazendo as contradições para uma forma de visibilidade e combate, uma materialização possível daquilo que deve ser visto, combatido, compreendido, superado; ao reunir na virtualidade vivenciada os pontos, os traços daquela possível e futura virtualidade (a literatura como a "magia da caça futura") a literatura tem no prazer estético, na compreensão radical e na crítica ao real e na projeção do futuro suas razões maiores.
- 6 - Só há literatura quando há epifania, encantamento alimentando-se da própria essência, exercício vivo de magia, espaço encantatório e prazer enfeitado; inquietação e ritual de passagem. Alterando o real numa suprema liberdade de gozo epifânico, criando o avesso da terra e do céu que ao mesmo tempo diz e somente ela pode dizer o céu e a terra. Urdidura do ser na perseguição essencial.
- 7 - A literatura não reproduz "fatos singulares", "acontecimentos", "cotidianidades de jornal", mas busca apreender *tendências, tensões, dobras*, movimentos da virtualidade que criam hologramas que "antecedem o futuro". A obra de arte literária concentra os *nódulos tensos* que estão dispersos na virtualidade, e que se tornarão visíveis somente numa própria virtualidade futura.
- 8 - A "obra de arte literária" não pode ser unilateral, mas aberta às multiplicidades, seja das contradições, das vozes, das personas. Seu caminho não coincide com a história (um dos transe da literatura brasileira: só se encontra o real ao se superar o real [esse conceito estritamente pequeno-burguês e ridículo que invadiu o mundo nas mesmas "ondas" do mercado]), com a mídia, com a mercadoria, com as lógicas triviais, com as linguagens desgastadas, cheias de uma politicidade restrita, uma inteligência localizada, uma sensibilidade paroquial.
- 9 - Não se desviar do centro, do eixo, das articulações, do essencial, do equilíbrio (estabelecendo a ação no desequilíbrio): se desviar do centro, do eixo, das articulações, do essencial, do equilíbrio.
- 10 - A "obra de arte literária" é uma negação-radical, por isso ousa sobreviver: sua consciência servirá para um além do seu-momento, como obra-de-saber, dizendo aquilo que somente ela poderia dizer, sendo o que somente ela poderia ser.
- 11 - Uma literatura cria o *homem*, antecipa o *real*, condensa o futuro no presente (na "literatura brasileira" o *homem* é criado a partir de discursos extraliterários, imagens do poder, vícios da historiografia, deformações das letras, sem que haja, sem que tenha havido a absolutamente necessária "... ruptura entre as coisas e as palavras", in-vertendo Artaud).
- 12 - À literatura cabe sondar as tensões vivas, as contradições, o novo dentro do velho, as resistências do velho, as dissoluções, as dissonâncias. Sondar o mundo através da linguagem, porque o mundo é linguagem alienada: conscientizar não a linguagem, não a literatura, não os escritores: o centro da literatura não é ela mesma: o centro é o homem concreto, real, vivo, mergulhado numa comunidade qualquer.

- 13 - Sendo o mundo cristalização viva das linguagens, linguagem alienada, cabe a literatura a missão de dizer o mundo de uma maneira que nenhuma outra "linguagem" poderia dizer: sua matéria é a mesma que cria, faz circular e mantém o mundo: lembrar-nos nossa essência.
- 14 - Os dizeres normatizados, as falas institucionalizadas, as posições estabelecidas, os viveres cotidianizados não são a grande matéria do literário (a não ser como paródia, ironia: jamais como crença, como um "dizer a realidade"), mas as falas alternativas, os dizeres não ditos, os falares calados, silenciados; o viver que não somente diz, mas contra-diz: o dizer que se diz todo dia está naquelas "literaturas do real", como as revistas, os jornais, as telenovelas, os filmes: a literatura é o dizer mal-dito: bem além do dizer trivial que invade tudo: e exatamente por ser assim desvenda o trivial do mundo e o trivial da própria linguagem.
- 15 - *entresseia*: Sem Deus, sem Natureza, sem Sociedade, sem Homem, sem História, sem Nação, sem Povo, sem Língua, sem Autor: somente assim a literatura pode não somente dizer tudo isso criticamente como somente assim ela poder dizer: não sendo.
- 16 - A literatura não pode esconder os conflitos, as contradições, a *vida* que a gerou: sua grande missão é descristalizar o que esconde os conflitos: ex-pôr em devires. É o afloramento das múltiplas línguas, falas, vozes, sussurros, gritos, silêncios, ao mesmo tempo, num *tecido*.
- 17 - Embate de forças vivas, contrárias, trágicas, tragicômicas, explícitas; luta de valores, visões, corpos, almas, diversas, dispersas, misteriosas; grandes sentimentos, vozes singulares ou mergulhadas na gosma existencial e suas guerras particulares como demônios para mais afundarem ou submergirem. Nenhuma vidinha plana, de classe média (o estranho campo de força da literatura e da crítica "pequeno burguesa"), servindo somente para um simples "contar história" (a literatura não é jamais um contar história, um divertir narrativo). Sem grandezas, sem embate vivo das grandezas, não se consegue uma visão de mundo que possa se transformar em literatura, que possa conquistar uma literatura. Sem esses choques de grandezas não podemos ter nem verdadeiros demônios, mergulhados no lodo com desespero, nem anjos submergindo da lama do mundo, do pecado, do desejo, da culpa, do crime, da rotina; ou homens vivendo a vida como homens (bem além dos estereótipos), além de anjo ou demônio, mas sem apagar tudo aquilo que cria realmente um anjo, um demônio, um homem.
- 18 - Mefisto, não o curupira; Hamlet, não Bentinho; Lady Macbeth, não Lucíola; Graograman, não Baleia; Édipo, não Vasco da Gama; Marcel, não (...).
- 19 - Espaço dialógico onde se cristalizam os inchaços, os tumores; onde se instalam os vômitos, as diarreias; onde transitam vozes contrapostas: espaço onde se projetam os imaginários, os poderes, as crenças, as posições sociais e singulares.
- 20 - A literatura é o que atravessa as línguas, o que está sempre antes e depois, fluindo, em travessia, o que se faz apesar da língua, rotacionando como um holograma interno que se constitui no passo da leitura, da audição, do tato e do sonho (holograma teatral, dialógico e polifônico, em movimento dispersivo; vácuo que atrai toda matéria que o requer, reordenando-a, esclarecendo-a, questionando-a). Como é fratura, interstício, fenda ("buraco de coelho" denso, vivo, intenso, aceso, arrebatado, desmedido: daí porque grande parte daquilo que chamam "literatura brasileira" não existir como literatura: não é a língua seu

entrupe: é porque ainda não é literatura: parcamente alegórica, frugalmente grotesca, ligeiramente obsessiva: classe média demais, colonial demais, portuguesa demais), move-se por um específico tribadismo que chamamos literatura [a literatura é o aquilo que é voltado para si mesmo, a *volva* latina (que vindo de *volvere* termina em vulva: “nós” não voltamos nem entramos: continuamos a detesta-las: as tornamos sempre e somente grávidas, mães, jamais iguais: daí não sai o coelho nem seu buraco e Alice é somente mais uma trabalhadora). O estojo vazio (o único vazio que satisfaz; único vazio que é; o único que ao não ser gera mundos, também vazios: literatura: o sofrimento que diz o sofrimento do mundo)]. Gozo que não se localiza, não se estabelece: existe somente no flu-ir, no rot-acionar: rasgando a carne, os ossos, a vida. A literatura é uma sensação densa em processo inqualificável, não é linguagem ou “sistema de signos”. Não se objetifica no livro, na língua, no alfabeto, na cultura, na região, no povo: é uma resultante flu-indo, uma sensação holográfica.

- 21 - A literatura, antes de ser um “compromisso com o real”, é uma “escrita branca”, “escrita inocente”, “indicativa”, “amodal”, “equação pura”, “linguagem indefinida”, “estado neutro e inerte da forma” barthesianos. Mas é essa equação fria que pode desvendar e desventrar o real, as contradições do real, reunir os traços do futuro no presente, o horror entranhado, apontar e despontar. As linguagens instituídas que se tornam um “contar histórias” literário não conseguem se descolar dos seus limites, origens, objetos, ordenamentos, transes, imaginários. Localizar é matar a literatura.
- 22 - Aquilo que leio e gosto, e me diverte, e me distrai, e me ausenta, não é literatura; aquilo que ensina, instrui, educa, aperfeiçoa, não é literatura; aquilo que comunga, reproduz, respeita, espelha, não é literatura; aquilo que alegra, contenta, embeleza, não é literatura; aquilo que é letra, palavra, frase, parágrafo, gramática, linguagem, discurso, não é literatura.
- 23 - A literatura cria um vazio denso que atrai qualquer existente a um diálogo, a um confrontar-se, a um negar-se, a um desdizer-se.
- 24 - Para a “literatura brasileira” há que se levar em conta o “trabalho” colonial e sua construção hegemônica da língua portuguesa, em primeiro lugar. Mas não deixar de refletir sobre essa mesma ação no fabular, na temporalidade narrativa, na relação entre literaturas, na relação entre real e literário, entre práxis e *poíesis*, na feitura do texto e da textura do leitor. Que escritor?, que literatura?, que leitor?, que crítica? O “nosso texto literário” é muito menos tecido, textura, tessitura e muito mais *fazenda* (Colônia, Império, República: o mundo paroquial, provinciano, pequeno-burguês: o “nosso” universo e verso): enquanto *fazenda* exige determinada realidade, práticas e imagens que equilibrem a fazenda do real com a fazenda do texto (coisa de homem e não de mulher: essa masculinização estúpida da literatura, a fazenda e não o tecido, o real e não o virtual). O sacerdote do texto (o escritor), o sacerdote do tecido literário, se transforma em Ministro da Fazenda (Senhor de Engenho, Fazendeiro, Latifundiário e não a rendeira, a bordadeira, a costureira: escritores do tecido: emparedamos como incompetentes pedreiros).
- 25 - Não há transparência na literatura: somente ela pode ousar a transparência. Luz que é treva; o que mostra escondendo e o que esconde mostrando. Esse lugar sem lugar consegue luz e sombra de qualquer lugar.

- 26 - Como a literatura é um holograma, resultante de uma máquina insólita, mecanismo que deixa de existir ao gerar o holograma (e somente enquanto deixa de existir), não é nessa materialidade enganosa que devemos buscar a literatura. Ela não está no-texto, na-língua, no-alfabeto, no-discurso, na-gramática: está sempre depois. Esse depois, o holograma, deve ser o nosso campo de degustação, nosso lugar de brincadeira (o que alguns ainda chamam "objeto de estudo").
- 27 - Esse holograma não reproduz, não espelha, não repete qualquer exterior; não explica, não conceitua nenhuma realidade; não parte de nenhuma história: nele todo o possível pode se ver: seu vazio de ser atrai qualquer existente que nele se admira (a não ser quando a literatura é raptada pela Nação, pelo Povo, pela Cultura, pela Língua, pelo Poder, pela Mercadoria, pela Estupidez).
- 28 - O crítico ao se abismar nessa máquina insólita encontra somente a si mesmo e a água narsísica onde afundou e não sabe: o transe do significante é tão terrível quanto o do significado: se não há natureza tudo é possível: a literatura não está onde sempre se procurou: e sempre se procurou como se ela fosse uma coisa, algo simplesmente extenso, temporal, corporal, lingüístico: sua instância é a do sagrado, a do alegórico, a do exemplar, a do arquetípico, ao do ser que só existe ao não-ser, ao flu-ir como se não fluísse: essa ilusão tornou-se categoria, instância, saber: somente um se afastar. Ao conferir um sentido mais complexo, mais profundo e mais rico a literatura re-vela o sentido tragicômico da existência, em vez de se abismar tanto no particular quanto no singular enquanto limite.
- 29 - Holograma em constante movimento. Produzi-lo faz desaparecer a máquina insólita, transformando-a em outra-coisa, a literatura. Que pode prescindir das palavras, quando elas desaparecem e em seu lugar vigora, aparece, transcorre perceptivelmente não conceitos, idéias, esquemas, mas um derramamento físico, corporal, indefinido, profundo, hipnótico (o holograma em construção no flu-ir da leitura). A preocupação com as palavras é sempre uma preocupação de "filólogo" (de filisteu cultural como diria Nietzsche) que nada tem a ver com aquilo que é a literatura: um nada que é tudo, um nada que desvenda um tudo.
- 30 - *re-capitulação*. A literatura é um rio sem margens, sem água, sem nascente e sem foz.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. **LAUTRÉAMONT**. Litoral Edições, Lisboa, 1989.
- BARTHES, Roland. **O RUMOR DA LÍNGUA**. Edições 70, Lisboa, 1987.
- _____. **O GRÃO DA VOZ**. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1995.
- BATAILLE, Georges. **A LITERATURA E O MAL**. L&PM, Porto Alegre, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA**. Obras Escolhidas, vol. 1, Brasiliense, São Paulo, 1987.
- BLANCHOT, Maurice. **O LIVRO POR VIR**. Relógio D'água, Lisboa, 1984.
- _____. **O ESPAÇO LITERÁRIO**. Rocco, Rio de Janeiro, 1987.
- _____. **LAUTRÉAMONT Y SADE**. Fondo de Cultura Económica, México, 1990.
- _____. **A PARTE DO FOGO**. Rocco, Rio de Janeiro, 1997.

- CALDAS, Alberto Lins. **DO TEXTO AO HIPERTEXTO: DA LEITURA À HIPERLEITURA**. Primeira Versão/22-UFRO, Porto Velho, 2001.
_____. **NOTAS SOBRE LITERATURA E ARTE**. Primeira Versão/50-UFRO, Porto Velho, 2001.
- CALVINO, Ítalo. **SEIS PROPOSTAS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO**. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.
_____. **POR QUE LER OS CLÁSSICOS**. Companhia das Letras, São Paulo, 1993.
- DELEUZE, Gilles. **PROUST E OS SIGNOS**. Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1987.
- ECO, Umberto. **PÓS-ESCRITO A O NOME DA ROSA**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.
_____. **SEIS PASSEIOS PELOS BOSQUES DA FICÇÃO**. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.
- HEIDEGGER, Martin. **A ORIGEM DA OBRA DE ARTE**. Edições 70, Lisboa, 1990.
- KUNDERA, Milan. **A ARTE DO ROMANCE**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988.
_____. **OS TESTAMENTOS TRAÍDOS**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1994.
- MANGUEL, Alberto. **UMA HISTÓRIA DA LEITURA**. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
_____. **NO BOSQUE DO ESPELHO**. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **TEXTO, CRÍTICA, ESCRITURA**. Ática, São Paulo, 1993.
_____. **ALTAS LITERATURAS**. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.
- WILLEMART, Philippe. **UNIVERSO DA CRIAÇÃO LITERÁRIA**. Edusp, São Paulo, 1993.
_____. **BASTIDORES DA CRIAÇÃO LITERÁRIA**. Iluminuras/FAPESP, São Paulo, 1999.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

*na caixa
de ressonância
tem hora
que tudo vai
embora*

*então
só o silêncio
cai
pêra pedra ou pão
e impera*

*inimigo
ou pai*

CARLOS MOREIRA